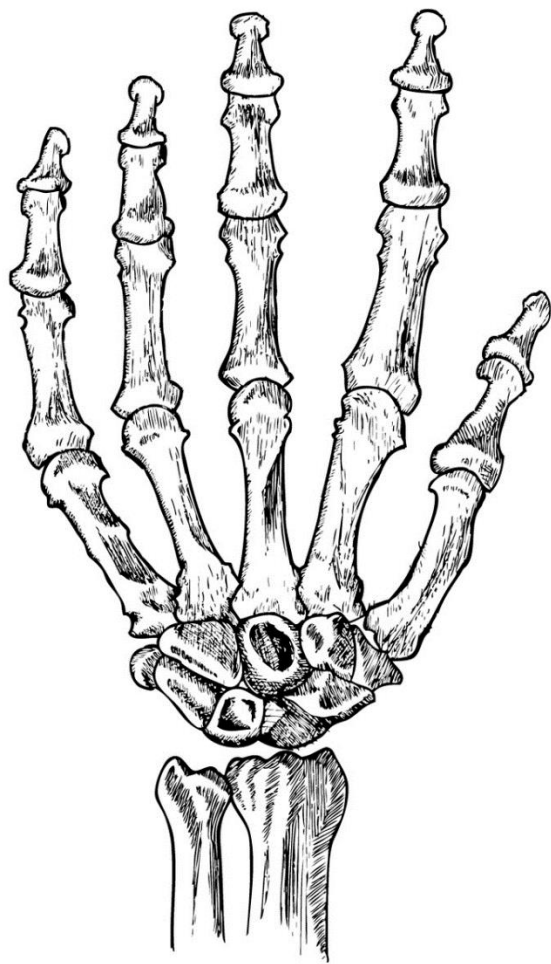


Osso de escrever

Literatura em tempo de barbárie



Escritores

Aline Dias
Barbara Depianti
Caê Guimarães
Janio Silva
Lucas dos Passos
Marília Carreiro
Orlando Lopes
Rodrigo Caldeira
Sarah Vervloet
Saskia Sá
Wagner Silva Gomes
Wladimir Cazé

Créditos da capa

Imagem extraída da Internet
(<http://becuo.com/skeleton-hand-drawing-right>)

Nota

Este projeto integra às ações do movimento Cultura sem temer – ES, que reúne artistas e produtores culturais do estado do Espírito Santo e se junta às ocupações em equipamentos do MinC que, em todos os 27 estados do Brasil, não reconhecem legitimidade ao autointitulado “governo interino” e se manifestam contra o estado de exceção presidido por Michel Temer.

Vitória-ES, junho de 2016.

en la lucha de clases
todas las armas son buenas
pedras
noches
poemas

Paulo Leminski

Vamos ver o diabo de perto
Mas preste bem atenção, seu moço
Não engulo a fruta e o caroço
Minha vida é tutano, é osso
Liberdade virou prisão

Gonzaguinha

devagar e sempre
ouço o galope do golpe –
ele vem lentamente pela Câmara e depois pelo Senado
ele vem burocraticamente por todas as brechas da lei e do Estado

Anônimo via ultralits
(ultralits.tumblr.com/post/143378175152/tevegolpe)

ALINE DIAS

MULHERES DE VERMELHO

Éramos cerca de vinte mulheres desconhecidas entre si. Cada uma talvez conhecesse uma ou duas do grupo. Não sei ao certo como nos juntamos, mas estávamos lá, de vermelho, juntas, com batom na cara. A pintura de guerra foi feita com uma pintando a outra. Somos contra a cultura do estupro de um jeito complexo, e de um jeito simples queremos o direito a ir e vir sem incômodo do corpo. Cimara disse que é simbólico uma pintar a outra, porque assim uma ajuda a outra e a força de uma é a força da outra.

Cimara passou batom nos meus olhos e me fez índia. Cimara me chamou para o protesto no sábado de manhã, e eu fui. Entre o almoço e a Funarte, Cimara foi avisada de que era preciso ter três mulheres fortes que se dispusessem a tirar a roupa para causar impacto. Seria feita a simulação de um estupro. As três seriam estupradas, mas nós todas nos protegeríamos.

É preciso que o choque exista. Éramos vinte mulheres em volta de um estupro simbólico, e sofrendo estupros verbais pelo caminho. Eu era coro. Andávamos em fila, da Funarte ao Largo do Arouche, em silêncio.

Fomos avisadas de que o silêncio precisava permanecer durante todo o percurso, e de que haveria possíveis xingamentos que não deveríamos devolver porque isso poderia prejudicar o coletivo. Eu nunca ouvi tanta cantada na vida quanto quando em fila com vinte mulheres. Delícia, gostosa, coisa linda, boa tarde, arrombada, falta de rola. Tudo colocado em coletivo e invasivo a cada uma de nós.

Antes sentamos juntas, desconhecidas, pra conversar sobre o que viria. Cimara nos representaria e confessou nunca ter

sofrido abuso. Acho que éramos sete. Entre as sete, só Cimara não tinha sofrido abuso, e cada uma de nós contou sua história.

O abuso não precisa vir de fora. Um namorado força sexo, e isso é um estupro. Você não sabe na hora que um estupro é um estupro. Você realmente não sabe o que fazer. Você não sabe contar. A gente tem medo na rua, mas quando acontece pode ser alguém que a gente confie. A gente grita, mas a gente demora a saber. A gente não quer acreditar.

Na rua, os gritos dos homens que olhavam em cima da gente, fora da gente. Eles não sabiam a gente dentro, mas a gente se deu as mãos. E enquanto a gente estava junta não havia trânsito, porque a gente parava. Havia força, havia grito.

A gente abriu a multidão e fez uma roda. A roda ia se abrindo e as pessoas cediam, e as três meninas tiraram a roupa protegidas. E espalharam sangue nelas mesmas. Gritamos alto, o mais alto que a garganta deixou. E o sangue continuava, e a dor estava ali naquela cena. Eu acreditei. Eu vi a Cimara chorando sentada no chão e as mulheres limpando Cimara e as duas outras meninas nuas, e eu chorei.

Alguém gritava SORORIDADE, e eu via o cabelo da Cimara ensanguentado. Eu sabia que era guache, mas era sangue. Eu não tinha pano pra limpar a Cimara, mas a gente ajudou que ela se levantasse. Ela chorava de verdade e não sabia o que fazer direito, estava mole. Vestimos Cimara e Estrela começou a dizer o texto combinado. Mulheres em defesa de Mulheres.

Repetimos alto o que ela dizia. Estaremos sempre juntas em luta, em ação. Nos abraçamos. Todas. Uma a uma. Choramos. Sentimos. Gritamos um grande não: às cantadas, ao governo, ao machismo. Viramos um grande sim. A nós. Ao nosso corpo. Ao nosso direito de andar.

BARBARA DEPIANTTI

POTENCIALIZAR

Sou atriz
Represento a luta das minorias
Pulso sangue coalhado
Desmontando as alegorias
Do pensamento manipulado

Sou poeta
Gasto a sola da minha juventude
Cerrando a grade que não escuda
Encarcera e ilude
Torno os meus braços de ajuda
Incito no outro atitude

Sou artista
Falo o silêncio do desenganado
Expresso a opressão do reprimido
Dou olhos ao que foi vendado
Dou vida ao que foi vendido
Atento ao que anda distraído

BARBARA DEPIANTTI

TRAÇAS

Nas ruas
Pessoas disfarçadas
Julgando as nuas
Expondo feridas
Para cobrir as suas

Nas casas
Quem não voou
Cortando as asas
Se apoiando
Em bases rasas

Nas igrejas
Mãos imundas
Na manija
Da vida do tolo
Que pestaneja.

Traças
Por toda parte
Ruminando desgraças

BARBARA DEPIANTTI

QUERIDO HOMO SAPIENS

Não vou me casar
Não vou me moldar
Não vou me castrar
Não vou cozinhar
Não vou lavar
Não vou passar
Não vou chorar
Não vou crianças gerar

Também não vou mudar
Pelo que você quer
Minhas unhas não vou pintar
E nada disso me faz menos mulher

CAÊ GUIMARÃES

O ANJO AFOGADO

you fuma seu marlboro e dentro das calças sente tesão e
[medo
eventualmente você mente e embora tente quase nunca sente
[pelo mundo
you respira fundo antes de dizer o que acha ser verdade
e em cada pausa uma nódoa uma náusea uma rosa virada ao
[avesso
you acessa sites e seus gigabites tornam o fim o seu começo
you quebra a banca banca o foda e tal e qual a lesma toda prosa
lambe o musgo do muro para não morrer de fome
you some na hora em que o bicho pega
nega por três vezes quem jurou defender
you estica o dedo em riste e come alpiste com shake para
[emagrecer
you caga e anda e sangra a cada dia
uma gota da agonia que insiste em não ver
you assina o cheque
you risca a porta
e o som metálico do seu hálito faz jus a quem você diz ser
you ri do que?
quando pinta algo além da sua finta perde o rebolado e bota
[tudo a perder
you encontra e esconde porque quer tudo e ao reter engorda
e ao engordar explode tudo que não soube dividir ou conter
you chora quando vê algo terrível
e pensa que podia ser com quem ama ou com você
tenta engolir mas engasga a verdade lamacenta e nodosa
leva as mãos às faces
distorcidas pelo horror ao perceber
que o anjo ainda que alado também morre afogado
e aí nada mais há a fazer
nem por você que sou eu
nem por mim que sou você

CAÊ GUIMARÃES

PEDIR-TE-EIESCUTAR-ME-IAS?

poder-te-ia falar uns impropérios
sobre tua pífia composição de ministério
far-te-ia bem ouvi-los sem freios
pois nada há a temer se tens receio
e então, escutar-me-ias a dizê-los?
se tiverdes disposição e desapego
ouvir-me-ias porque sou um brasileiro
possibilitar-te-ei então fazê-lo
ainda que, saibamos, não o sejas
mas se não estás disposto – queiras ou não queiras
pergunto-te assim do mesmo jeito:
falar-te-ei então anão do Líbano
mas para tanto hás que ouvir-me sem desprezo
despir-te-ás de qualquer pré-conceito?
não satisfeito estás em propagar-nos
ser a fonte do bem da triste pátria
e combater o bom combate em luta fratria
com doses cavалares de cinismo e hipocrisia?
como poder-nos-ia dize-lo
se o mal ao qual ensejas combate-lo
é o mesmo que envergas no currículo
com teus larápios e pilantras e dizer-nos
que são tão probos mas como lobos nos espreitam
falsear-nos-á tua límpida inocência
tanta mesóclise, e nenhuma coerência
no futuro do presente ou do pretérito
haja-nos fígado para tanto despautério
portanto posso-vos pedir um obséquio?
limpar-te-ias de tanta indecência
convocarias teu alvo e macho séquito
e ir-se-iam todos ao quinto dos infernos?

CAÊ GUIMARÃES

BANQUETE NO INFERNO

eu cheguei aos portões do inferno
e os atravessei como convidado
sentei à mesa com todos os demônios
eles comiam um repasto
com os dedos lambuzados de gordura
golas ensebadas e carrancas duras
destroçavam com dentes afiados
carne nervos e ossos
servidos em bandejas enormes e polidas
em ritual de júbilo e tortura
sentei à mesa com todos os demônios
eles riam e contabilizavam arrobas saqueadas
gritavam a suas mulheres tristes reprimidas e servis
que lhes servissem mais vinho nas taças – amoladas as facas
e sobre nacos de saliva e sangue comemoravam o butim
mas não venha pensar aqui, seu incauto
que havia choro e ranger de dentes
misturados ao suco de enxofre e lava
com os dedos lambuzados de gordura
derramavam ódio por cada poro fístula e fissura
mas o ambiente em seu entorno era bucólico e pastoril
do lado de lá dos portões do inferno parecia ter
algum lugar bonito pra viver em paz
onde a natureza explodia com a força de cem sóis
destroçavam com dentes afiados
porque demônios – perceba – sorvem os licores da beleza
mas o fazem como o verme rói as fezes
com febre e desespero por saber que ter não é ser
e que tudo aquilo que querem, ferem
em ritual de júbilo e tortura
neguei por três vezes a oferta do banquete
mas provei da paisagem ardilosamente calma
o inferno – pensei entredentes – se leva dentro da alma

JANIO SILVA

O QUE ME INCOMODA É A FOME DOS BONS

Do alto dos PRÉDIOS,
o barulho das PANELAS,
de quem tem o estômago cheio.

Do alto do MORRO,
o barulho do ESTÔMAGO,
de quem tem as panelas vazias.

LUCAS DOS PASSOS

E GRITA

E grita o fatalismo petulante
que, em vez de pôr o dedo na ferida
própria, finge que entende de política
pública e quase esquece que diante

desta história que a nós se prefigura
todo cuidado é pouco pra evitar
que se repita a dor tentacular
da crua e verdadeira ditadura.

As ruas, as cidades, testemunham,
e em qualquer parte alguém acusa o golpe,
porque ninguém no mundo está imune:

nas marchas, qualquer um cabe na cruz;
mas vem o tempo e, então, nos apavora:
no fim, a história cobra, a história pune.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

LUCAS DOS PASSOS

DE OCASIÃO?

Mas, se a Dilma cair, observem bem,
esteja certa de que cai bem tarde:
como se segurou tão viva e ativa
quem teve suas penas militares?
como, me diz, chegar à presidência,
depois de seviciada, clandestina?
Se a Dilma cai, é desaparelhada.

E como ri-se o povo aparvalhado:
se a porrada for forte, não levanta,
não, o filho caído, subterrâneo;
se uma pedrada tão maldosa encanta,
coitadinho do Brasil, boicotado.
Se crê, então, em gesto extemporâneo:
se esquece que a história é toda enganos.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

LUCAS DOS PASSOS

INCIDENTAL

Seriam a poética e a política
fardo muito pesado a um só homem?
Comprova o estagirita: nunca foram,
por que seria a vida tão pudica?

Até quem cala já se identifica:
“en la lucha de clases...”, vá a pé.
Dois olhos, dois ouvidos, duas moedas,
e a vida, matemática, se arrisca:

é tão grande o fardo, tão curta a farda;
dorme lacrimogênea, já de molho,
a barba (ou cabeleira) comunista;

e quem vê coração só vê camisa.
Constrói-se a realidade em mil refolhos,
mas a paz interdita: é tudo ou nada.

Do livro *Menos teu nome* (2016)

MARÍLIA CARREIRO

15 DE MARÇO

amanhã vai ser outro dia
apesar de hoje você ter ido à rua
gritar a sua opinião.

eu, bêbada, fico quieta
aproveito o dia para descansar
- não quero ir de encontro ao azar.

vejo o bloco na rua, é livre arbítrio
pedem por Durango Kid sem saber
como se essa fosse a salvação.

imagine você só vencer na vida
se disser sim para o que não aceita
levar um chute de direita
e não poder reclamar.

imagine a Rita levar
seu sorriso, o assunto de todas as gentes
a primavera dos seus dentes

imagine que dureza seria
ter consciência e não coragem
não ser a contramola que resiste, ser triste.

digo isso pra não dizer que não falei das flores.
foi-se o tempo de viver sem razão
a luta é para que tudo isso não seja em vão.

MARÍLIA CARREIRO

PRÓ-TESTE

a mente fervilhada
pelo absurdo feito às custas
desses filhos-das-putas
que nada têm com isso.
são apenas escravos
paus-mandados da nata

talvez eles nem queiram,
mas estão no meio da farra,
montando o circo,
da festa sem festim;
com bala elástica,
resistente,
que atira na gente.

na gente que luta
que amanhece na rua
que segue regras
e sorri um sorriso limpo
como se não precisasse
vender o almoço
pra comprar a janta
enquanto aquela anta
está na casa
mascarando falsidade
fingindo ser lei.

lei que não se lê
- lei que o dinheiro lê -
lei que ofende,

que oprime,
que machuca,
que sangra.

o opressor e o oprimido
separados por uma parede de gente
de gente como a gente
- só que camuflada em panos escuros -
gente que não merece
ser representada
por um bando de nada.
gente que não merece
ser tratada como nada.
gente que é gente
e não merece
lei de efeito moral.

ORLANDO LOPES

PÓS-CAPITÁLIA (GANGRENAGEM)

és capixaba,
trabalhas e confias,
mas não te levam
(há o cheiro
daquele podre
no reino desta Dinamarca)
a sério - tu és sério,
és rijo, o tempero
do minério
(és também bronco
até aos brônquios,
até às brânquias),
és aresta do mistério:
um certo ar de ébrio,
o olhar etéreo.
teus irmãos não
te enxergam,
apenas capturam
tuas ilhas, as vilas, as montanhas,
as colinas, dividem
tuas costas, as costelas, a serrinha.
(e que não te entendam,
e que te estranhem (que se danem)
: enquanto ainda és dono
de tua terra,
berra, camarada
(ou te levam na enxurrada)!)

ORLANDO LOPES

SOTURNO SATURNO (A MÃO AMARELA DE ADAM SMITH)

I

tanto disseram
para pensares
o local, o global,
o nacional, o federal,
o estadual, o municipal.

e pensastes
e pensastes
e pensastes.

mas
quem pensou
contigo? teu amigo
ou teu inimigo,

pensastes com
o joio ou apurastes
teu sizo no trigo?

II

olha, vê agora
todo este barro,
o escarro, a lama
que entope
as tripas do Rio Doce.

é barro divino:
a massa que encarna
aquela Minas
e este Espírito Santo,

o barro que te faz
por bem e por mal
um ser tão humano.

é merda: rejeito
(a diarreia, o grande,
o maior e mais
molhado dos peidos)
vazado em pleno Oceano.

ORLANDO LOPES

anteposta a uma cabeça de burro
jaz, à flor da terra, quase
defunta, a cabeça d@ Gigant@.

mira sempre o horizonte,
esperando algo que parece
não saber bem vir de onde.

a cabeçorra mira longe,
aspira ao infinito (não se
move, não se mexe), perdida:

não é uma, mas duas, ou três
: não a hidra enlouquecida,
nem a deusa tresloucada:

@ Gigant@, tão imóvel,
só dentro de si dá suas cabeçadas:
as cabeças refundidas no sol do Alvorada.

RODRIGO CALDEIRA

DESPROPÓSITO

=====

meu nome é fome
,estou sozinho
.mas há desejo no que escrevo
,há promessa de hoje ser ontem
.e a?gora
.sozinho ainda estou
,como sozinho sempre estive
,nesse labirinto
,sob a sombra
,sob o olhar frio da noite
.meu corpo me abriga
,abrigo etéreo
,feito de sonho
,carne
,ossos e desejo
,onde permaneço fixo
,sufixo do meu nome
:fome
.o!h grandíssima coisa nenhuma que sou
,coisa-bicho que trafega na noite
,coisa-homem que trafica a noite
,que trafica sonhos e os vende na feira
como um cacho de banana-nanica
.e?sperança
.vendi-a ao povo
,que sorridente ainda me disse
:o!brigado
.no meu país ainda se diz

:o!brigado
.melhor seria dizermos

:F!ODA-SE
,prefiro a morte
,prefiro ver meu sangue a sua glória
.mas não
,dizemos
:o!brigado
:d!esculpe-me
:l?!icença
,abaixamos a cabeça como somente os tolos fazem
.meu grito é mudo
,eu sei
.mas não tenho medo
,já não tenho correntes nos pulsos
,nem padeço dos soluços para me salvar
.meu grito é mudo
,mas está impresso
,eterno no papel
,como sangue
.vazia está a casa
,não meu coração
.este ainda tem sonhos por realizar
.ainda pulsa no peito como um touro

.na arena também sou o touro
,este animal ferozmente educado
.a casa se chama apartamento
.estou na parte a que chamam quarto

.meu corpo jaz sobre o que se chama cama
.meus olhos olham o teto
.a casa se chama apartamento
.estou na parte a que chamam banheiro

.meus pés no frio do que se chama chão
.meus olhos nos olhos do espelho
.a casa se chama apartamento
.estou na parte a que chamam varanda
.meus cabelos na dança do
que se chama vento
.meus olhos presos à grade da imensidão
.a minha saudade não tem sombra
:cada objeto desta casa sou eu
,minha alegria fugaz
,meu choro contido
,minha cara de gozo
,meu grito
.lá fora
,onde o sol dá vida
,onde a morte se avizinha
,sou apenas espectro de mim
,uma sombra
,um vazio
,um verso sem rima
,um soneto sem chave
.por isso a porta fechada
,lacrada

Do livro *Inventário dos olhos* (2014)

SARAH VERVLOET

JUNHO

O ódio dos maiores
persiste na varanda
Nas ruas aos domingos,
na pele de quem anda
Na vida dos menores
black blocks do nada
Atinge as minorias
majoritárias na estrada
Repete todo ciclo
Marcado na rede social
Envolve o país e alimenta
A mídia é nosso carnaval
Cresce em número
E em horror de crença
Parece que virou doença
Cegueira, panelaço,
Estandalhaço por roubo
Corrupção lá em cima
Mas aqui embaixo
O buraco é outro
Pode furar fila
Enganar o leão e quem sabe
Conseguir um por fora
Mas na televisão não.

SARAH VERVLOET

O mundo morre em cada jovem
o mundo morre em desencanto
sem gosto e dano e plano.
O mundo morre quando acaba
a vida interrompida, morre
todo mundo, também nada.
Morre o mundo das desgraças
das linhas mal traçadas,
do abismo de viver sempre
e não questionar entre
ficar de pé ou pular,
o mundo morre desse jeito.
O mundo morre aqui dentro
de mim, de tudo.
Luto – o mundo é assim
morto de abuso.

SARAH VERVLOET

AS DUAS CORES DO RIO

Uma enchova percorre o rio
pelas águas que sempre se renovam
Mas desde que o peixe nasceu,
ele conhece a corrente por que passa
entende de todos os cardumes
e sabe de cada vida de ovo.

A cor de sua água é a mesma
Quando chove, pouco muda
Quando amanhece, sobe ou desce
Mas é sempre o mesmo filete
brilhante que o acompanha.

Embora isso: mudanças.

Para que serve minha casa sem um planeta que a

[abrigue?

Para que serve um barco se não houver para ele um

[rio a navegar?

A cor amarelada cristalina do rio
salvou os últimos minutos batendo à beira
Uma enchente de não-água
Não-vida, não-enchova, não-peixes.
Uma enxurrada de outras cores
que não a mesma daquela vida.

Cor barrenta que põe na memória
desvio, desnível, desatino, desmemória.
A lama que deu cor divide o rio com outra
desconhecida agora porque perde lugar, perde vida
perde a sina de ser água e transportar peixes
gentes e barcos, perde-se em água, deixa-se
não é mais substância, não é mais peixe.

SASKIA SÁ

SEMPRE EXISTE UM RABO

Sempre existe um rabo
Sempre existe uma ponta de rabo que aponta
no vão entre a cortina e o chão
presença no escuro, sombra que se move e apavora
as noites de dúvidas e certezas
no xadrez do jogo das toalhas de mesa
sentados à sombra dos almoços solitários
os ratos brincam de esconde-esconde na sordidez dos apartamentos
suburbanos clichês de hipocrisia das salas de TV e sofás
hipocondríacos das noites de sábado

SASKIA SÁ

A CARNE

e o que ela era?

senão uma buceta encharcada de sangue uma vez

[por mês, tendo

sido olhada, observada e ouvida como uma buceta.

há séculos seu corpo,

a carne no espeto sobre a qual se debruçaram os

[homens do mundo,

desde o começo dos tempos.

e agora eu a vejo e nada mais enxergo...

mas também vejo os outros e as outras como a

[carne do desejo que

em vão se debate na terra nua e nela irá findar,

[sem sementes ou flores.

e agora eu vejo a única capacidade de comunicação

[desta carne com

outra carne através do sexo...

uma boa trepada então, pra mim, pra você e pra

[todo mundo.

WAGNER SILVA GOMES

A SANTA CEIA DO NEO MUNDO CONTRA A SANTA CEIA DO PRIMEIRO MUNDO

A cor da bandeira mais justa se chama igualdade
E a cor do fogo faz cores com outras batalhas
De mão a prumo a prudência é o punho
Suando se soa um tempo jurisprudente

É a chama que aquece e faz unir os braços
Quando intimado em plena sala do mundo
Mudo, a depor contra a família florescida,
Arabesca fênix erguida, colunas unidas,
Resista, sinta, erga a flor-discurso-alado,
Expulse o procurador-geral de fora a fora,
Todo Sr. Smith, vara-de-porco, é dano,
Parasita procuração que vem de fora,
Só o intime com a família, sem violência,
Num deserto africano, nordestino, arábico,
Toda ela se encontra, como rio de um oásis,
E o clima forte e a correnteza o prostram.

WAGNER SILVA GOMES

A PRAIA O CASTELO A COBERTURA E O QUE FICA

A ostentação corre solta no castelo de areia,
O metro quadrado se expande encolhido,
O tempo é de arrocho, arrocha que dá;
A vida justa é boa mas no sufoco não

As ondas derrubam na praia que for,
Um punhado não dura muito,
Há de se buscar mais areia

A margem é que sofre o abalo,
Na cobertura a onda não chega,
As crianças do castelo sabem
Têm de erguê-lo, mão na massa!
As crianças do mercado sabem
Têm de erguê-lo, mão na areia!

Muitos lotes abertos na fazenda,
A areia passa por entre os dedos,
escorrega, mas há quem pega
dá a mão e dança, com a justeza
que não se abate, esfrega a areia,
esfrega o corpo, e tudo se ajeita.

E há de haver do fundo do mar,
na cobertura, um ajuste de contas!

WAGNER SILVA GOMES

ARTOCARPUS ALTILIS

Todos os dias observo um pé-de-fruta-pão
e vejo o quanto ele é forte
tem uma envergadura de bailarino,
um vácuo de cristal,
por onde o vento faz a rima,
ou as rimas,
já que, cego da árvore,
sua imagem me traz as folhas
que suportam as grandes
bolotas de frutos,
que surgem depois das flores,
mas aí, já entro na intimidade,
na religião da árvore,
a religião de Eva e Adão,
a religião do cosmo,
a entranha celeste,
a religião que não concebo
por ser árvore.

WLADIMIR CAZÉ

GERAÇÃO

Descansa o incêndio
dentro do ovo.
Uma fênix em repouso.

Crepúsculo imaturo.
Parede nua.
Paisagem na paleta.

Raiz de proveta.
A planta ainda
está na pétala.

Penas inatas
de ave na casca.
Uma flama intacta.

Do livro *Microafetos* (2005)

WLADIMIR CAZÉ

Muro das lamentações.
Tem que subir na pedra
pra poder pagar com reza
carregando cruz
e escorregar na lama.
Quem pode reclama
a falta que faz
um pouco de luz.

Do livro *Macromundo* (2010)

WLADIMIR CAZÉ

PORVIR

Sentinela a noite
para surpreender
cada nascimento
de tenra estrela.

Atalaia os ermos
para não perder
o aparecimento
do que não havia:

a fruta nova,
feita no futuro
para paladar
animal imaturo.

Guarda o detalhe
que não pulsa ainda
no canto do olho
no fundo da retina.

E espreita a fonte
à luz de um dia:
coração do tempo
guardando grão vizinho.

Para o menor
movimento ou rumor,
cumpre estar alerta.
Vigia e relata.

Do livro *Macromundo* (2010)

Os direitos autorais dos textos desta publicação pertencem a seus autores e sua citação e reprodução são permitidas, desde que creditada a autoria.



Monumento "Pessoas Imprescindíveis", homenagem aos mortos e desaparecidos políticos no período da ditadura civil-militar de 1964-1985, Praça Costa Pereira, Vitória, Espírito Santo.